

4 O FENÔMENO DA DOR NA METAPSICOLOGIA FREUDIANA: A CONSIDERAÇÃO DA DOR DO CORPO E DA ALMA

Com o objetivo de promover uma aproximação entre os temas da repetição e do corpo, farei uso do fenômeno da dor tal como este é pensado em Psicanálise a partir de Freud. Neste capítulo, percorrerei as elaborações freudianas sobre este assunto ao longo do desenvolvimento das duas teorias pulsionais. Ao fazer isto, espero indicar que a dor, se a examinamos metapsicologicamente, está intimamente ligada às noções de repetição e de corpo tal como estas foram caracterizadas por Freud.

Da mesma forma que acontece com a repetição e com o corpo, a dor pode ser pensada a partir de um duplo aspecto, isto é, no primeiro e segundo dualismos pulsionais vê-se Freud se referindo a ela de maneiras distintas. Se, no tocante à primeira teoria das pulsões ele se interessa mais pela “dor física”, ou corporal, quando a idéia de “pseudo-pulsão” é fundamental para o entendimento da dor, a partir da introdução do conceito de pulsão de morte, já no âmbito da segunda teoria pulsional, Freud centra suas atenções na “dor psíquica”, momento no qual as considerações sobre o excesso pulsional e o masoquismo são cruciais para a compreensão psicanalítica da dor.

4.1 A caracterização da dor do corpo

Freud se refere à dor desde o início de seus desenvolvimentos psicológicos. O *Projeto para uma psicologia científica* (1895) inaugura suas concepções psicanalíticas sobre este tema e condensa, junto com o “Rascunho G”

(1895), o essencial sobre a questão da dor. Os desdobramentos desta questão, na opinião de alguns, não se esgotarão nem em *Além do princípio de prazer* (1920) nem em “O problema econômico do masoquismo” (1924) e “Inibições, sintomas e ansiedade” (1926).

No *Projeto*, Freud dá uma explicação econômica para a dor, afirmando que este fenômeno diz respeito a um excesso de excitação que invade o sistema *psi*, provocando um aumento repentino de tensão e, conseqüentemente, uma descarga, no interior do corpo, desse investimento exagerado.¹ Ele diz, ainda, com base na teoria, de que a quantidade (Q) produz facilitação, que é possível postular que a dor deixa, sem dúvida, facilitações permanentes atrás de si em *psi*. Ressalte-se aqui a relação íntima que a facilitação favorece entre os mecanismos de dor e de repetição, uma vez que a quantidade (Q) faz pensar que os eventos da vida mental tendem a percorrer um caminho que já foi trilhado, evitando, desta forma, os caminhos novos que impõem uma resistência maior. E, como descrevi no primeiro capítulo, este é o modelo do que ocorre com a maioria dos eventos caracterizados como repetição.²

Cabe salientar, ainda no que diz respeito às formulações freudianas sobre a dor no *Projeto*, a diferenciação fundamental que Freud empreende entre este fenômeno e o desprazer. Isto envolve toda a discussão sobre a qualidade. Nesse texto de 1895, Freud opõe a vivência de satisfação à vivência da dor. A oposição que se instaura, assim, não é entre o prazer-desprazer, mas, por um lado, entre princípio de desprazer-

¹ Na linguagem neurológica própria desse texto, Freud levanta a hipótese de uma categoria especial de neurônios, os neurônios secretores, equivalentes para a descarga interna aos neurônios motores para a descarga externa. Cf. FREUD. *Projeto para uma psicologia científica*, p. 372-373. E, como nota André Green, “a vivência de dor remete ao modelo do afeto de modo mais explícito que a experiência de satisfação [...] Freud sempre sustentou que o afeto era o produto de tal descarga *interna e secretora*”. GREEN. *O discurso vivo: a conceituação psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982, p. 36-37.

² Cf. capítulo 1, p. 19-20.

prazer e, por outro, dor. De acordo com Jean Bertrand Pontalis,³ o que importa destacar, nesse tempo originário do pensamento freudiano, é que

Há aí um dualismo pelo menos tão fundamental quanto os dualismos pulsionais posteriores, um antagonismo mais interessante ainda porque se inscreve no corpo, em duas vivências corporais elementares e irrecusáveis: o par prazer-dor.⁴

A dor é, portanto, diferente do desprazer e é sua qualidade de afeto que permite esta distinção. Ela é violação e supõe a existência de limites: limites do corpo, do eu. A dor produz uma descarga interna, com efeitos de uma *implosão*.⁵

No “Rascunho G”, que é dedicado à questão da melancolia, pode-se notar Freud mencionando o excesso de excitação para tentar dar conta do fenômeno melancólico. Pontalis chama a atenção para o uso que Freud faz, nesse manuscrito, de palavras como “ferida”, “hemorragia interna”, “furo no psíquico”, para ressaltar a existência, na melancolia, de um buraco, e não uma lacuna, de um *transbordamento*, e não uma falta. Sabe-se que essa “hemorragia”, esse “furo”, é um demais. Um demais de excitação que, como afirma Pontalis,

Entrava toda atividade de ligação, mesmo no nível do processo primário: o cheio demais cria um vazio. Esse demais que encontramos na expressão comum da queixa monótona de todo corpo que sofre: “Meu Deus, isso dói demais”.⁶

Continuando a comentar o “Rascunho G”, Pontalis salienta que o notável nesse texto de Freud é que o aparente empobrecimento melancólico é contraposto à real pobreza neurastênica, isto é, na melancolia há um “demais”, enquanto na neurastenia vê-se um “insuficiente”.⁷ Com esta afirmativa, o autor francês quer salientar o fato de

³ PONTALIS. *Entre o sonho e a dor*. São Paulo: Idéias & Letras, 2005.

⁴ PONTALIS. *Entre o sonho e a dor*, p. 267.

⁵ PONTALIS, op. cit. p. 268.

⁶ Ibidem. p. 268.

⁷ Lembre-se aqui uma outra preocupação freudiana, dessa mesma época, referente à distinção entre as neuroses atuais, onde se encaixa a neurastenia. Mais tarde, ao formular sobre as psiconeuroses, Freud

que o excesso de excitação, sentido como esvaziante pelo melancólico, retira-nos do registro econômico mais geral da teoria da angústia, ou seja, a do aumento e diminuição de tensões. Estamos no domínio do transbordamento. Retomarei este ponto mais adiante.

A descrição freudiana da dor que é retirada dessa leitura do *Projeto* e do “Rascunho G” coloca-a, na acepção de Daniel Delouya,⁸ em uma posição paradoxal: entre um excesso transbordante e um outro, contrário, de evasão hemorrágica (melancolia). A dor, vista como um fenômeno clínico, que se presta ao exame metapsicológico, desde o início, se situa, assim, “entre a ameaça de desmanche e uma exasperada tentativa de ligação; entre o psíquico e o somático; entre a percepção interna e uma externa etc”.⁹ Note-se nesta caracterização da dor uma clara semelhança com o “lugar” do corpo na teoria psicanalítica, tal como este foi delineado ao longo do capítulo anterior.

Curiosamente, se até esse momento Freud esboça o mecanismo da dor corporal, ou física, ressaltando sua função de uma quantidade e também de geradora de um afeto de qualidade particular, vê-se o interesse dele se deslocar para outros temas ligados à construção da teoria geral das neuroses.

O tema da dor, ainda como sendo uma dor do corpo, reaparece na teorização freudiana somente vinte anos mais tarde, no artigo metapsicológico intitulado “Repressão” (1915). Nesse texto, Freud escreve que

Pode acontecer que um estímulo externo seja internalizado — corroendo e destruindo, por exemplo, algum órgão corpóreo —, de modo que surja uma nova fonte de excitação constante e de aumento de tensão. Assim, o estímulo adquire uma similaridade de longo alcance com um instinto. Sabemos que um

nelas incluirá a melancolia na qualidade de psiconeurose narcísica.

⁸ DELOUYA. “A dor entre o corpo, seu anseio e a concepção de seu objeto”. In: BERLINCK (Org.). *Dor*. São Paulo: Escuta, 1999.

⁹ DELOUYA, op. cit. p. 28.

caso desse tipo é experimentado por nós como *dor*. A finalidade desse pseudo-instinto, no entanto, consiste simplesmente na cessação da mudança no órgão e do desprazer que lhe é concomitante. Não há outro prazer direto a ser alcançado pela cessação da dor. Além disso, a dor é imperativa; as únicas coisas diante das quais ela pode ceder são a eliminação por algum agente tóxico ou a influência da distração mental.¹⁰

Freud equipara, assim, o poder da dor ao de uma falsa pulsão. Ele se refere a uma produção contínua de excitação de origem corporal da dor, da qual não se pode fugir. E pode-se afirmar que isto se deve, em parte, ao caráter de pressão que este fenômeno imprime ao psiquismo.

Contudo, de acordo com Delouya, não é só por sua característica de pressão constante que a dor se presta à imagem de uma pulsão. Esse autor afirma que, desde o *Projeto*, quando Freud falava da dor como sendo um afeto que, por não encontrar um trilhamento específico nas vias motoras, é secretado ou “despejado” para dentro do aparelho psíquico, a dor já se equiparava à pulsão. Dito de outra forma: Freud opõe a vivência de satisfação à vivência da dor. Com isso, ele revela que o que se origina da massa sensorial que inaugura o psiquismo humano adquire as feições de dor-pulsão. Ainda segundo Delouya, Freud retoma esta intuição, em *O ego e o id* (1923), ao observar que a dor se dá como *algo*, ou coisa, que brota de dentro do aparelho, atravessando-o na vertical, para se apresentar à consciência como percepção que é, num e só tempo, interna e externa.¹¹

Assim, a dor, ao se equivaler à pulsão, faz também uma “exigência de trabalho” ao psíquico por conta da íntima ligação que tem com o corporal. A este respeito, lembre-se o próprio Freud, nesse mesmo livro, quando diz que

Também a dor parece desempenhar um papel no processo, e a maneira pela qual obtemos novo conhecimento de nossos órgãos durante as doenças

¹⁰ FREUD. “Repressão”, p. 151.

¹¹ DELOUYA. “A dor entre o corpo, seu anseio e a concepção de seu objeto”, p. 28.

dolorosas constitui talvez um modelo da maneira pela qual em geral chegamos à idéia de nosso corpo.¹²

Sentir dor informa ao eu, portanto, sobre a existência de um corpo constituído de órgãos, possibilitando-lhe ter acesso a uma representação interna do próprio corpo. Fernandes chama a atenção, no tocante a este ponto do texto freudiano, para uma possibilidade de leitura que atribui ao corpo uma positividade para além da noção de uma imagem corporal, assinalando ao mesmo tempo ao fenômeno da dor uma função a ser explorada para um entendimento metapsicológico do corpo.¹³

Continuando a seguir Freud em sua teorização psicanalítica sobre a dor, encontra-se, em outro dos artigos metapsicológicos, algumas referências importantes a este tema. Em “Instintos e suas vicissitudes” (1915), a dor é vinculada ao prazer a propósito do sadismo e do masoquismo. Freud destaca que paralelamente à finalidade geral da pulsão sádica, se junta uma bem especial: infligir dor (física), além de dominar e humilhar (sofrimento psíquico). Ele afirma que, apesar de o fato de infligir dor não desempenhar um papel entre as metas originais da pulsão, uma vez ocorrida a transformação em masoquismo, a dor presta-se muito bem a produzir uma finalidade masoquista passiva,

Pois temos todos os motivos para acreditar que as sensações de dor, assim como outras sensações desagradáveis, beiram a excitação sexual e produzem uma condição agradável, em nome da qual o sujeito, inclusive, experimentará de boa vontade o desprazer da dor.¹⁴

Assim, quando sentir dor se torna uma finalidade masoquista, também o objetivo sádico de causar dor pode surgir retrospectivamente. No entanto, enfatiza Freud, em ambos os

¹² FREUD. *O ego e o id*, p. 39.

¹³ Cf. FERNANDES. *Corpo*, p. 82-83.

¹⁴ FREUD. “Os instintos e suas vicissitudes”, p. 134.

casos, masoquismo e sadismo, não é a dor em si que é fruída, mas a excitação sexual concomitante.

Na visão de Andréa Giovannetti,¹⁵ ainda se permanece, com essas considerações freudianas sobre a dor em “Os instintos e suas vicissitudes”, no âmbito da dor do corpo, com a diferença de que a dor agora é capaz de provocar outro afeto que não apenas o sofrimento psíquico, mas o prazer sexual. E, no que se refere à declaração de Freud de que não é a dor física que é fruída, mas a excitação sexual correspondente, essa autora atenta para o fato de se pronunciar aí uma possibilidade de inscrição corporal da pulsão de morte.¹⁶ Proposição que, aliás, vai ao encontro da hipótese desenvolvida nesta pesquisa.

Vê-se, desta forma, delineado o caminho da dor num primeiro tempo dos estudos freudianos, ou seja, a primeira teoria das pulsões, quando a dor é intimamente referida ao corporal e, como não podia deixar de ser, ao pulsional. Nesta perspectiva, cabe notar o caráter excessivo que qualifica a dor como sendo um afeto que desempenha uma função crucial na estruturação psíquica, como bem ilustram as considerações freudianas do *Projeto*. Portanto, a dor, na qualidade de uma falsa pulsão que utiliza o corpo para se manifestar, pode, nesse percurso rumo à representação, percorrer dois caminhos: 1- A dor pode fazer uso, no caso das doenças orgânicas, de um órgão específico do corpo. Neste exemplo, como tentei mostrar no terceiro capítulo, o corpo, ou melhor, as sensações corporais, são o que melhor representam, para o sujeito, o seu eu; 2- À dor cabe, ainda, apoiar-se a uma concepção fantasmática do corpo — lembre-se aqui da histeria — e então se enveredar pelo caminho da lógica sintomática

¹⁵ GIOVANNETTI. “A dor como fenômeno psicanalítico em Freud”. In: *Percurso*, 23, 2/1999.

¹⁶ Cf. GIOVANNETTI, op. cit. p. 110.

presente nas neuroses, quando a repetição, na forma do retorno do recaiado, tem um papel relevante.

Mas será somente após levar em conta as inovações que a postulação do conceito de pulsão de morte acarreta à teoria psicanalítica, que Freud empreende com o segundo dualismo pulsional, que se poderá analisar a pertinência de uma afirmação no sentido de uma inscrição corporal da pulsão de morte pela via da dor. Para tanto, faz-se necessário analisar a “economia” da dor considerando-se os conceitos de trauma e de masoquismo. Estamos, neste ponto de vista, no campo daquilo que denomino de lógica do transbordamento. Mas não avancemos demais o passo.

4.2 A passagem para a dor da alma: a questão da perda do objeto

Pode-se dizer que é em “Luto e melancolia” (1917 [1915]) que a dor surge como psíquica, relacionada à perda do objeto. Contudo, é pertinente para esta investigação, que leva em conta as relações entre o corpo e a repetição por meio da dor, lembrar o fato de que alguns dos pontos que Freud salienta a respeito deste último tema no texto de 1915, têm sua base em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914).

Não é novidade afirmar que foram os impasses levantados pela consideração do narcisismo que colocaram Freud na direção da construção de uma segunda teoria das pulsões. As descobertas da existência de sexualidade no eu e da possibilidade de o eu se tornar um objeto investido libidinalmente fizeram com que Freud repensasse as bases de sua metapsicologia. Onde se pode inserir a dor nessas formulações? Este fenômeno, como se verá a seguir, tem uma função na passagem do

investimento narcísico para o objeto. Vejamos como Freud assinala este fator, que só foi possível, repito, graças aos desdobramentos teóricos oriundos do narcisismo.

Logo no início de “Luto e melancolia”, quando caracteriza a melancolia a partir de uma comparação com o luto, Freud se refere à existência de uma disposição “dolorosa” para o luto. E, no último parágrafo do mesmo texto, ele afirma que o conflito dentro do eu, que na melancolia aparece sob a forma de uma luta pelo objeto, pode atuar como sendo uma “ferida dolorosa” que exige um elevado contra-investimento. Freud encerra o artigo neste ponto, justificando que para prosseguir necessitaria de uma certa compreensão interna acerca da dor física e da mental, que lhe é análoga. Como decifrar estas passagens, um tanto enigmáticas, é verdade, mas também essenciais para o entendimento metapsicológico da dor?

A chave para estes enigmas é o próprio Freud quem fornece. Ele ressalta que a disposição dolorosa para o luto deve ser atribuída à necessidade de abandono de uma posição libidinal. Desta forma, o desinvestimento do objeto que foi perdido é acompanhado de sofrimento pela dificuldade que o eu experimenta em separar-se do objeto e, também, pelo ódio contra esse objeto, ódio, aliás, que retorna ao eu na melancolia. Por outro lado, Freud assinala que nesse tipo de afecção, a melancolia, o conflito com o objeto é revertido em um conflito no eu, conflito que age como sendo uma ferida aberta que exige uma grande quota de contra-investimento. Assim, como salienta Giovannetti, se a dor corporal é um atentado à integridade biológica, a dor psíquica, por sua vez, devida à perda do objeto, pode ser vista como um atentado ao psiquismo, gerando uma ferida narcísica.¹⁷

Para entender melhor o que ocorre na melancolia em relação ao fenômeno da dor, é interessante retornar às elaborações freudianas sobre este tema

¹⁷ Cf. GIOVANNETTI, “A dor como fenômeno psicanalítico em Freud”, p. 110.

presentes no “Rascunho G”. Naquele manuscrito, Freud desenvolve a hipótese de que a melancolia consiste em um luto provocado pela perda da libido. E que seus efeitos são os de uma inibição psíquica com empobrecimento pulsional e dor ligada a ele. Freud explica esses fatos afirmando que quando ocorre uma grande perda de quantidade de excitação é possível que se dê uma retração do psiquismo, produzindo sucção sobre as excitações contíguas. É como se o terreno psíquico cedesse, provocando dor. Afinal, “desfazer associações é sempre doloroso”.¹⁸ Instala-se, assim, por meio de uma “hemorragia interna”, uma “ferida”, de maneira análoga à dor física.¹⁹

Em “Luto e melancolia”, Freud retoma essas idéias sobre o funcionamento melancólico descritas em 1895, concentrando suas atenções nas questões relativas à perda do objeto, à ambivalência e à regressão da libido ao eu. A respeito da perda objetal, ele destaca que existe algo inconsciente aí, isto é, o melancólico pode até saber *quem* ele perdeu, mas não sabe *o que* perdeu nesse alguém. Freud enfatiza que, na melancolia, a relação com o objeto não é nada simples. Ela é complicada pelo conflito devido a uma ambivalência, que é constitucional ou advém das experiências que envolveram a ameaça da perda do objeto. Em conseqüência, travam-se inúmeras lutas em torno do objeto, nas quais o amor e o ódio se degladiam. A localização dessas lutas, prossegue Freud, só pode ser o sistema Inconsciente. Daí a afirmação de que o melancólico não sabe o que perdeu na perda. Será, pois, esta perda desconhecida a responsável pela inibição melancólica.

No tocante à ambivalência constitucional, Freud afirma que ela pertence ao recaiado, e que as experiências traumáticas em relação ao objeto podem ter ativado outro material recaiado. Desta forma, tudo que se refere a estas lutas devido à

¹⁸ FREUD. “Rascunho G”, p. 252.

¹⁹ Cf. FREUD, op. cit. p. 246-253.

ambivalência permanece inconsciente, até que o resultado característico da melancolia venha à tona: o abandono do objeto pelo investimento libidinal ameaçado só que, dessa vez, para retornar ao local do eu de onde tinha se originado. Assim, refugiando-se, dentro do eu, o amor escapa à extinção. Após, então, essa regressão da libido para o eu, o processo pode vir a ser consciente, fazendo-se representar por meio de um conflito entre uma parte do eu e o agente crítico.

Vê-se, pois, na melancolia, uma parte do eu se colocando contra a outra, julgando-a criticamente e tomando-a como seu objeto. Isto faz Freud desconfiar que o agente crítico, que na melancolia se separa do eu, talvez também se mostre de forma semelhante em outras ocasiões.

Mas será a partir do quadro clínico manifesto do melancólico, ou seja, as auto-recriminações que ele dirige a si próprio, que Freud esclarecerá o fato de haver, na melancolia, uma perda relativa ao eu e explicará, conseqüentemente, o processo regressivo que ocorre com a libido. De acordo com ele, percebe-se que tais auto-recriminações são, na verdade, recriminações feitas ao objeto amado, que se deslocaram desse objeto para o eu do sujeito. Além disso, elas derivam do conflito amoroso que levou à perda do amor. Freud conta que também o comportamento dos pacientes se torna mais inteligível quando se considera estes fatores. Suas queixas são, de fato, “queixumes”, e eles não se envergonham porque tudo de aviltante que dizem sobre si mesmos se refere, no fundo, à outra pessoa. Tudo isso que é expresso em seu comportamento advém de uma constelação mental de revolta que, pelo processo de identificação regressiva ao período do narcisismo, passou para o estado de melancolia.

Esta última característica é, pode-se dizer, o que há de mais peculiar na melancolia. Pois, ao contrário do que seria o normal em uma situação de rompimento

numa relação objetal, isto é, uma retirada da libido desse objeto e um deslocamento da mesma para um novo, a libido livre, na melancolia, não se desloca para outro objeto, mas se retira para o eu. E ali ela serve para estabelecer uma identificação do eu com o objeto abandonado. Daí por diante, o eu passa a ser julgado por um agente especial como se fosse este objeto. É assim que uma perda objetal se transforma numa perda do eu, e o conflito entre o eu e o objeto, ou a pessoa amada, em uma separação entre a atividade crítica do eu e o eu alterado pela identificação. A identificação narcísica com o objeto se torna, então, um substituto do investimento erótico, o que se constitui, conclui Freud, em um importante mecanismo nas afecções narcisistas.

A partir destas considerações freudianas, é possível inferir alguns pontos:

1- há, na melancolia, um empobrecimento psíquico que decorre da perda do objeto de satisfação. E isto provoca um buraco (ferida narcísica) na esfera psíquica que não pode ser preenchido por nada. Ao mesmo tempo, há também um transbordamento (hemorragia interna) de libido, que tenta “encher” este buraco; 2- Isto causa excesso de trabalho no psiquismo do melancólico, levando a um esgotamento do eu; 3- O melancólico tem uma relação muito particular com o narcisismo, este último entendido como a “estrutura” fundante do eu. Pode-se até arriscar a afirmar que a melancolia “ronda” os momentos iniciais da constituição do eu,²⁰ mas, nem por isto, pode-se dizer que todo eu é melancólico. Como descrevi no capítulo anterior, o processo de identificação está intimamente ligado ao narcisismo e ao surgimento do eu, na medida em que todo processo de identificação tem um caráter de permanência de algo dentro do eu, algo que foi perdido. Na melancolia, o sujeito ignora a natureza do vínculo que o unia ao objeto e, além disso, este é de natureza narcísica, ou seja, totalitário, exigente,

²⁰ A este respeito, cf. KRISTEVA. *Sol negro: depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 12. E PERES. (Org.). *Melancolia*. São Paulo: Escuta, 1996. p. 12.

mas também frágil.²¹ Talvez se possa notar, a este respeito, que o melancólico não encontra nada no outro que indique que ele foi desejado²² e, assim, se culpa por isto. É esta a ferida narcísica que mais dói no melancólico. É o que se chama “dor psíquica”, ou moral, que aponta para um rompimento das defesas internas do eu. Como vimos, por conta da identificação ao “resto do objeto”,²³ o sujeito melancólico toma para si algo que não irá protegê-lo do transbordamento pulsional. Desta forma, o caminho para a dor está aberto.

4.3 A dor nos limites do pulsional

Cinco anos mais tarde, em *Além do princípio de prazer*, a dor retorna à obra de Freud por meio das considerações sobre o trauma. Como mostrei no início deste estudo, no capítulo IV do referido livro, Freud descreve o trauma como sendo uma ruptura do escudo protetor por excitações poderosas vindas do exterior. Ele caracteriza esta ruptura como *extensa*, enquanto a dor corporal, ou sofrimento físico, se refere a uma ruptura semelhante, só que em uma área *limitada*. E como é que a mente reage a esse estado de coisas que é gerado internamente? Por meio de uma convocação maciça de investimento nos arredores da ruptura, estabelecendo-se um poderoso contra-investimento que, por sua vez, empobrece todos os outros sistemas, de modo que as funções psíquicas remanescentes são reduzidas ou quase paralisadas, isto é, a dor requer do psiquismo um alto investimento libidinal no órgão corporal afetado, desinvestindo, em consequência disto, as outras funções psíquicas.

²¹ Cf. FREUD. “Luto e melancolia”, p. 251-252.

²² Cf. LAMBOTTE. *O discurso melancólico: da fenomenologia à metapsicologia*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 1997. p. 441.

²³ Cf. LAMBOTTE, op. cit. p. 434.

A seguir, Freud convida a estender este modelo de funcionamento à metapsicologia, propondo que quando um sistema é altamente investido, torna-se capaz de receber um influxo adicional de energia nova e ligada. De acordo com Giovannetti, é essa sucção adjacente que explica, para Freud, a paralisia decorrente da dor, com o acréscimo de que as descargas correlatas são reflexas, ou seja, não sofrem intervenção do aparelho psíquico. A autora indaga: “Será que se poderia compreender reflexas por irrefletidas pelo psiquismo, conseqüentemente, corporais? Um corpo reflexivo encarregado de cuidar do psiquismo?”²⁴

O que se sabe, prossegue a autora, é que até este ponto de suas elaborações, Freud utilizou, como recurso para dar conta do sofrimento psíquico, a transposição de um modelo físico da dor para o funcionamento psíquico. Contudo, a partir de 1920, entra em cena a pulsão de morte, que permitirá a introdução de um novo elemento na questão da dor psíquica: outra vez a noção de um *excesso incontido* pelo princípio de desprazer-prazer. Seria isto dor? Esta é a idéia de Jean-Bertrand Pontalis.²⁵

Segundo o ponto de vista do psicanalista francês, a introdução da pulsão de morte como referente ou como “mito originário” confronta a psicanálise com uma outra ordem de questões para a qual as “personalidades narcísicas” e os “casos limites” tornam os psicanalistas da atualidade cada vez mais sensíveis. “Aqui, a psique se faz corpo. Do ‘o que isso quer dizer?’, passa-se ao ‘o que isso quer?’”.²⁶ A morte não se localiza mais na consciência ou no inconsciente, está na raiz do inconsciente. Ela não é mais propriedade de uma instância psíquica, mas o princípio de “discordância” em cada um desses “lugares”. Não é mais palavra, mas silêncio, grito ou furor. De acordo com Pontalis, se Freud confessa, em meio às descobertas de 1920, que é muito difícil ter uma

²⁴ GIOVANNETTI. “A dor como fenômeno psicanalítico em Freud”, p. 111.

²⁵ Cf. PONTALIS. *Entre o sonho e a dor*, p. 269.

²⁶ PONTALIS. *Entre o sonho e a dor*, p. 258.

idéia mais ou menos concreta da pulsão de morte, não será porque está diante da forma mais radical do “trabalho do negativo”: além ou aquém do figurável, do representável, e até do analisável? Pode ser, se a análise supõe a existência de uma inscrição primeira de certos elementos produtores de sentido e criteriosamente identificados. A consideração da segunda teoria pulsional tem, portanto, conseqüências fundamentais sobre a concepção metapsicológica do fenômeno da dor.

O que fica claro, a partir de *Além do princípio de prazer*, independentemente dos motivos que tenham conduzido Freud a propor um princípio além do par princípio de prazer-realidade, prossegue Pontalis, é uma exigência do pensamento, análoga talvez ao desejo de encontrar seu caminho na verdade. Caminho este que, sabe-se, não foi seguido pelos discípulos da psicanálise à época de Freud.

Pulsão de morte: tudo nessa noção incomoda. Seu jeito especulativo, a reunião em uma só palavra (*todestrieb*) dos termos pulsão e morte. Mas de que é que este conceito trata? Se ele se refere a uma pulsão, onde estariam seus delegados, ou seja, as representações e os afetos? Pontalis defende a idéia de que talvez esteja aí o erro que cometem aqueles que não aceitam a pulsão de morte: “operar como se se tratasse de uma forma particular de pulsão, buscando então o que a representa”.²⁷ Pode-se enumerar, a partir desta hipótese, algumas tentativas neste sentido: 1- Um comportamento auto-destrutivo ou um estado de apatia; 2- Uma violência desenfreada ou a tentação do nirvana; 3- Um excesso de excitação, que exige um *acting out*, ou um vazio demais de excitação, que provoca um branco do pensamento e do afeto; 4- Uma auto-suficiência ou a dominação onipotente e furiosa exercida sobre o objeto, como em Narciso; 5- O zero ou o infinito.

²⁷ PONTALIS, op. cit. p. 259.

Estas são todas figuras possíveis e discerníveis acerca da pulsão de morte, afirma Pontalis, porém, elas comportam o perigo de se fazer perder o essencial da intuição freudiana, isto é,

É em seu processo radical de *desligamento*, de fragmentação, de desarticulação, de decomposição, de ruptura, mas também de *fechamento*, processo cuja única finalidade é realizar-se e ao qual seu caráter repetitivo imprime a marca do pulsional, que a pulsão de morte se exerce.²⁸

Processo que *imita a morte* no próprio núcleo do ser, o que conduz Freud a inscrevê-la na célula, o núcleo do organismo vivo. Nesse ponto,

A psique deixa de ser representante substitutivo do corpo. Ela é o corpo. O inconsciente não se lê mais em suas *formações*, numa lógica móvel e articulável dos “significantes”, ele se efetua e se imobiliza numa lógica do corpo psíquico.²⁹

Não existe, portanto, estrutura psicopatológica que esteja isenta dessa força de desligação que opera dentro de um sistema fechado cada vez mais reduzido e por um jogo de oposições cada vez mais elementares. Segundo Pontalis, toda psicanálise fala da morte infiltrada na vida. E, se o trabalho psicanalítico visa a que o espaço psíquico não seja apenas uma superfície e ganhe corpo e espessura, adquirindo uma liberdade de movimento e de jogo, isso implica que ele não evite o trabalho antagonista da morte, mas vá a seu encontro.

4.4 A dor entre as pulsões de vida e de morte

É válido afirmar que Freud opera uma verdadeira revolução em “O problema econômico do masoquismo” (1924). Ao se lançar na investigação sobre o masoquismo, ele se vê forçado não apenas a questionar a função do princípio de prazer

²⁸ PONTALIS. *Entre o sonho e a dor*, p. 260.

²⁹ PONTALIS, op. cit. p. 260.

na vida psíquica, mas também a reconhecer a necessidade de mudança em uma das bases da teoria econômica dos fenômenos mentais. A este respeito, logo no início deste artigo, Freud diz que

Se os processos mentais são governados pelo princípio de prazer de modo tal que o seu primeiro objetivo é a evitação do desprazer e a obtenção do prazer, o masoquismo é incompreensível. Se o sofrimento e o desprazer podem não ser simplesmente advertências, mas em realidade, objetivos, o princípio de prazer é paralisado — é como se o vigia de nossa vida mental fosse colocado fora de ação por uma droga.³⁰

Analisando as conseqüências desta declaração freudiana, Rubens Marcelo Volich³¹ nota que é importante destacar o alcance desse desafio, isto é, questionar a função exercida pelo princípio de prazer no funcionamento psíquico implica repensar a relação do sujeito humano à dor e ao sofrimento e, sobretudo, poder reconhecer nesse sofrimento uma função de preservação da vida.³² É desta forma que se pode aceitar o convite de Freud para se pensar a possibilidade de o princípio de prazer constituir-se como guardião da vida, e não apenas da vida psíquica, o que, por sua vez, faz necessário levarmos em consideração esse princípio relacionado às pulsões de vida e de morte e às dinâmicas libidinais e de destruição.

Continuando a desenvolver seu pensamento sobre a questão do masoquismo, Freud retoma suas opiniões de 1920 sobre o princípio de Nirvana. Ele afirma que incorporou o conceito de Bárbara Low, identificando-o, sem hesitação, ao princípio de prazer-desprazer. O desprazer coincide com uma elevação de tensão e o prazer com um rebaixamento da tensão mental aos níveis mais baixos possíveis. No entanto, a necessidade de se reconhecer o fato de que há prazeres gerados por elevação de tensão (prazer sexual), como já foi mencionado no início deste capítulo, fez vacilar a

³⁰ FREUD. “O problema econômico do masoquismo”, p. 177.

³¹ VOLICH. “De uma dor que não pode ser duas”. In: BERLINCK (Org.). *Dor*. São Paulo: Escuta, 1999.

³² VOLICH, op. cit. p. 51.

noção exclusivamente quantitativa desse princípio, remetendo Freud à consideração do aspecto qualitativo. Em *Além do princípio de prazer*, ele já havia levantado essa possibilidade quando considerou os fatores do ritmo, da seqüência temporal de mudanças e da elevação e queda na quantidade de estímulo — sem, porém, se definir em favor de nenhum desses pontos.

Seja como for, o princípio de Nirvana, a serviço da pulsão de morte, é um funcionamento primário que no ser humano sofreu *uma modificação* que o transformou em princípio de prazer. Tal modificação é provocada pela pulsão de vida que, lado a lado com a pulsão de morte, participa da regulação dos processos vitais. Percebe-se, assim, que a dinâmica entre estes dois grupos pulsionais, vida e morte, é marcada não apenas pela oposição, mas, acima de tudo, pela intrincação ou fusão pulsional.³³

A partir desse contexto, pode-se dizer, de acordo com Volich, que talvez Freud soubesse que, em sânscrito e no pensamento oriental budista, o Nirvana é descrito como sendo um estado de *extinção da dor* que corresponde à libertação do ciclo das reencarnações. Assim, será que a partir da escolha do conceito de Nirvana e de sua associação com a pulsão de morte não se poderia inferir uma intuição freudiana de que, de algum modo, a anestesia fosse um dos sinais da manifestação da pulsão de morte? Ou “que o investimento da sensação dolorosa pela pulsão de vida, e o contato com experiências de sofrimento seriam uma contingência necessária do processo vital?”³⁴

Nesta perspectiva, esse autor salienta a afirmação freudiana de que, com vistas à preservação da vida, as pulsões de vida e de morte encontram-se mescladas. As tendências libidinais ficam, portanto, marcadas pelas forças disruptivas e destrutivas da pulsão de morte, e a destrutividade impregnada pelas forças de ligação e integração

³³ A este respeito, cf. FREUD. *O ego e o id*, p. 53-60.

³⁴ VOLICH. “De uma dor que não pode ser duas”, p. 52.

próprias à pulsão de vida. Aliás, lembre-se que, segundo Freud, o masoquismo erógeno seria um vestígio da fase do desenvolvimento em que a coalescência entre a pulsão de morte e Eros se efetuou. Nessas circunstâncias, então, a dor pode ser investida libidinalmente, provocando prazer sexual.

No que se refere ao masoquismo moral, o próprio sofrimento é o que importa, diz Freud. Esse sofrimento advém da satisfação das exigências do sentimento de culpa do supereu cruel, gerando prazer a esta instância que só o surgimento da segunda teoria do aparelho psíquico possibilitou pensar. Além do prazer há, portanto, dor.

Freud enfatiza, na parte final desse artigo sobre o masoquismo, as conseqüências econômicas para o funcionamento psíquico que podem ser inferidas das relações entre o eu e o supereu. Neste sentido, cabe enfatizar a idéia de que o masoquismo moral explica o fato de uma experiência de sofrimento poder ser encarada como um processo vital para a manutenção da vida. Como isto é possível? Primeiramente, é necessário ter em mente a afirmativa freudiana de que o masoquismo moral é a “prova clássica” da existência da fusão pulsional, isto é, este tipo de masoquismo se origina da pulsão de morte, mas tem também o significado de um componente erótico. Considere-se, ainda, para uma análise mais precisa dessa situação, as reflexões sobre o sentimento inconsciente de culpa, ou necessidade de punição, a partir do exame de pacientes que apresentam uma “reação terapêutica negativa”. Sabe-se que, em tais pessoas, a força desse impulso constitui, como salienta Freud, uma das mais sérias resistências e o maior perigo ao sucesso do tratamento psicanalítico. E que a satisfação do sentimento inconsciente de culpa, que jaz por trás de uma reação dessa espécie, é talvez o mais poderoso bastião do sujeito no “ganho secundário” propiciado

pela doença. A este respeito, Freud nota que o sofrimento acarretado pelas neuroses é o fator que as torna valiosas para a tendência masoquista. E é também interessante descobrir, prossegue ele, que

Uma neurose que desafiou todo esforço terapêutico pode desvanecer-se se o indivíduo se envolve na desgraça de um casamento infeliz, perde todo seu dinheiro ou desenvolve uma doença orgânica perigosa. Em tais casos, uma forma de sofrimento foi substituída por outra e vemos que tudo o que importava era a possibilidade de manter um determinado grau de sofrimento.³⁵

Há, portanto, uma necessidade de punição que, por um lado, a serviço da pulsão de morte, obtém prazer no “sofrimento pelo sofrimento”, mas que, por outro, em virtude da ligação aos componentes eróticos (pulsão de vida), não pode promover a destruição do sujeito sem que esta leve em conta uma quota de satisfação libidinal. Isto comprova a relevância do masoquismo e, conseqüentemente, da economia da dor psíquica na regulação dos processos vitais do sujeito humano.

Antes de passar às postulações freudianas sobre a dor, presentes em “Inibições, sintomas e ansiedade” (1926), ressalto a proximidade que essas considerações sobre este tema, inferidas a partir do estudo do masoquismo, têm com as formulações acerca da compulsão à repetição. No final do segundo capítulo, afirmei que Freud articula a compulsão à repetição com o masoquismo a partir de dois aspectos: a proximidade deste último com a pulsão de morte e, sobretudo, a existência de uma permanência, no masoquismo moral, de um *sofrimento que tem um caráter excessivamente pulsional*. Ora, como é que fenômenos desta espécie se dão a ver na clínica psicanalítica? Freud apontou um caminho ao falar sobre a reação terapêutica negativa, contudo, venho pontuando, ao longo desta pesquisa, a possibilidade de se *pensar o corpo como sendo um lugar que se presta como depositário possível do*

³⁵ FREUD. “O problema econômico do masoquismo”, p. 183-184.

excesso pulsional. Minha hipótese, baseada nas premissas freudianas que tenho ressaltado, é a de que o fenômeno da dor pode demonstrar, de forma clara, o quão associados estão a compulsão à repetição e o corpo nos destinos desse excesso. Mas falta ainda considerar alguns pontos sobre os desenvolvimentos freudianos acerca da dor antes de concluir.

4.5 Dor: por excesso ou por falta?

De acordo com Volich, “Inibições, sintomas e ansiedade” é o resultado de uma ambição freudiana. Nesse texto, Freud efetua uma mudança significativa em sua concepção da angústia. Se, desde o início de seus desenvolvimentos teóricos, ele descrevia esse afeto como sendo o resultado de uma transformação automática da quantidade de investimento da moção pulsional recalcada, a partir da consideração do eu como sendo a sede da angústia, Freud pensa que o eu é o responsável pelo investimento ou desinvestimento de uma percepção ou representação ameaçadora. Como justificativa para esta mudança, Freud argumenta que sua primeira teoria servia mais a uma “descrição fenomenológica” da angústia, ao passo que esta nova concepção se refere a uma “apresentação metapsicológica” dos fatos. Assim, é a angústia que produz o recalçamento, e não o recalçamento que produz a angústia, afirma Freud, salientando a função da angústia como um *signal*, para o eu e o supereu, da iminência de um perigo, exterior ou interior, que pode colocar em risco o indivíduo.

No entanto, é importante constatar, ainda na perspectiva desse autor, que essa nova leitura metapsicológica da angústia e, por conseguinte, da dor, fica marcada por concepções que pouco consideram as conseqüências teóricas e clínicas dos

desenvolvimentos freudianos concebidos desde 1920, principalmente em torno da questão da agressividade e do par pulsão de vida e de morte. A pulsão de destruição e o tema da fusão entre os dois pólos pulsionais, pulsão de morte e libido, são apenas muito rapidamente considerados na parte VII do referido artigo, no contexto da discussão sobre as dinâmicas da neurose obsessiva e da fobia a partir da questão da angústia de castração, sem outros desenvolvimentos.³⁶

A consideração da segunda teoria pulsional tem, porém, conseqüências bem amplas no tocante à concepção metapsicológica da dor, como mostram os desdobramentos teóricos inferidos a partir das postulações freudianas encontradas em *O ego e o id* e “O problema econômico do masoquismo”, como acabo de demonstrar.

Retomando, então, as pontuações de Freud em “Inibições, sintomas e ansiedade”, resalto duas observações suas sobre a dor, anteriores ao adendo “C”. A primeira delas está na parte V do texto e se refere à relação entre a dor e o desprazer. De acordo com Freud, a sensação de desprazer que acompanha o surgimento dos sintomas varia muito. E, nos sintomas de dor, tais sensações desprazerosas podem atingir um grau extremo. No entanto, é difícil encontrar o fator que permite todas essas variações, já que o quadro clínico é tão multiforme. Assim,

É somente quando a sensibilidade à dor em alguma parte do corpo constitui o sintoma, que este está em condições de desempenhar duplo papel. O sintoma da dor surgirá com não menor regularidade, sempre que a parte do corpo em causa seja tocada de fora, do que quando a situação patogênica que representa seja associativamente ativada de dentro, e o ego tomará precaução a fim de impedir que o sintoma seja despertado através de percepções externas.³⁷

Destaco, neste trecho, a íntima ligação que Freud julga existir entre a dor e a repetição, isto é, por meio do processo de formação dos sintomas neuróticos, o

³⁶ Cf. VOLICH. “De uma dor que não pode ser duas”, p. 48-49.

³⁷ FREUD. “Inibições, sintomas e ansiedade”, p. 114.

sintoma de dor é reinvestido pelo mecanismo de retorno do recalcado. Desta forma, entendo que Freud afirma que a dor surge com mais intensidade quando a situação patogênica (a representação aflitiva) é investida psiquicamente pelo processo de repetição.

O outro comentário encontra-se na parte VIII e fala da diferenciação entre os afetos de dor e angústia. Segundo Freud, enquanto a angústia envolve processos de descarga, os primeiros (os afetos de dor) não têm

Qualquer manifestação motora; ou se têm, a manifestação não constitui parte integrante de todo o estado, mas se distingue dela como sendo o resultado da mesma ou uma reação a ela. A ansiedade, portanto, é um estado especial de desprazer com atos de descarga ao longo de trilhas específicas.³⁸

Vê-se, pois, Freud se referindo à dor psíquica como sendo um resultado, uma reação à angústia.

Este é, também, o ponto de partida da diferenciação empreendida por ele, no adendo “C”, entre os afetos de dor, luto e angústia. Para distinguir situações nas quais a separação de um objeto produz angústia, luto ou simplesmente dor, Freud toma como exemplo a reação de um bebê confrontado com um estranho em lugar de sua mãe. Diante de um fato como esse, o bebê se angustia e, também, sente dor, uma vez que não sabe atribuir à ausência da mãe um caráter temporário. Em consequência, portanto, desta incompreensão dos fatos pela criança, a falta da mãe é tida como traumática. Só que esta situação traumática difere do trauma que ocorre por ocasião do nascimento, quando somente a angústia pode ser experienciada. Assim, a criança terá de aprender, após inúmeras ocasiões em que recuperará a mãe, a possibilidade de não se desesperar

³⁸ FREUD, op. cit. p. 132.

frente à sua ausência.³⁹ Neste sentido, Freud afirma que “a dor é assim a reação real à perda do objeto, enquanto a ansiedade é a reação ao perigo que essa perda acarreta e, por um deslocamento ulterior, uma reação ao perigo da perda do próprio objeto”.⁴⁰

Em seguida, Freud reúne o que se sabe, até o momento, sobre a dor corporal: 1- A dor é consequência de uma violação dos dispositivos do pára-excitações (definição do *Projeto*); 2- Ela age como uma excitação pulsional constante (idéia de “pseudo-pulsão”); 3- A vivência da dor, que a criança experimenta inevitavelmente, não depende das vivências de necessidades não satisfeitas. Como nota Freud, não se encontra nesses aspectos essenciais relativos à dor, nem a perda do objeto nem a nostalgia característica da reação de angústia. No entanto, não pode ser por acaso que a linguagem psicanalítica tenha criado o conceito de dor interna ou psíquica, assimilando completamente as sensações de perda do objeto à dor corporal.

A este respeito, Volich afirma que Freud ressalta, com esta assertiva, que o paradigma da experiência dolorosa é, para ele Freud, a dor corporal, e a dor psíquica corresponderia a uma “apropriação metafórica” dessa experiência. O referido autor considera importante, contudo, notar que essa apropriação do corporal pelo psíquico só é possível se houver um substrato de experiência passível de ser investida e representada. Isto leva a pensar que, uma vez acessíveis à experiência do sujeito, *dor psíquica e dor corporal são indissociáveis*, como indicam, dentre outras evidências, as

³⁹ Cf. FERNANDES. *Corpo*, p. 84. A partir dessa idéia de Freud de que a ausência da mãe provoca dor no bebê, a autora afirma que ele coloca o outro, ou melhor, sua ausência, na origem da dor, origem qualificada de situação traumática. Essa autora defende o ponto de vista de que a idéia da ausência do outro está na origem da abordagem freudiana da dor. O outro estaria assim inscrito em toda a dor, seja ela corporal ou psíquica, e essa inscrição constituiria uma contribuição essencialmente psicanalítica às abordagens do corpo e da dor. Isto permitiria compreender o fato de que, afetado pela ausência do outro, o corpo dói.

⁴⁰ FREUD. “Inibições, sintomas e ansiedade”, p. 165.

dificuldades que encontram grande parte dos pesquisadores que tentam construir escalas para avaliar a intensidade da dor.⁴¹

Retornando ao artigo de 1926, vê-se Freud tentando compreender a analogia entre a dor corporal e a psíquica. Neste sentido, o papel da vivência corporal da dor, como sendo paradigmática para o entendimento da dor psíquica, é enfatizado por ele ao esboçar a dimensão econômica dessas experiências. Sabe-se que, desde os estudos sobre o narcisismo, quando há dor física, ocorre um alto grau de investimento narcísico no órgão dolorido, e que a dor é uma condição da representação do próprio corpo.⁴² O fato notável de que, no caso de um desvio psíquico por conta de um interesse de outra espécie, as dores corporais mais intensas não se produzam encontra também sua explicação na concentração do investimento sobre a representação psíquica do local do corpo dolorido. Neste ponto, afirma Freud, parece residir a analogia que permitiu a transformação da sensação de dor corporal para o domínio psíquico.

Observe-se, aqui, que em ambas as situações ocorre um *sobreinvestimento*, ou seja, um investimento que aumenta porque não pode ser descarregado, na dor corporal, da parte do corpo que emite a dor, e na dor psíquica, do anseio pelo objeto ausente. Criam-se, pois, as mesmas condições econômicas. Isto, por sua vez, é o que permite a Freud afirmar que

A transição da dor física para a mental corresponde a uma mudança da catexia narcísica para a catexia de objeto. Uma representação de objeto que esteja altamente catexizada pela necessidade instintual desempenha o mesmo papel que uma parte do corpo catexizada por um aumento de estímulo. A natureza contínua do processo catexial e a impossibilidade de inibi-lo produzem o mesmo estado de desamparo mental.⁴³

⁴¹ Cf. VOLICH. “De uma dor que não pode ser duas”, p. 46-47.

⁴² Cf. FREUD. *O ego e o id*, p. 39.

⁴³ FREUD. “Inibições, sintomas e ansiedade”, p. 166.

Assim, é válido comentar, a respeito desse momento da elaboração freudiana sobre o fenômeno da dor, que este afeto, assim como a angústia e o luto, surge como um dos destinos da experiência dos *níveis elevados de investimento* — no corpo, na expectativa de perda de objeto; no psiquismo, na representação do objeto perdido — que, diante da impossibilidade de encontrar outras vias de descarga, produzem a sensação de desprazer.⁴⁴

Mais uma vez, portanto, encontra-se a dor, na obra de Freud, referida a um *excesso*, que tem conseqüências tanto corporais como psíquicas. Pode-se afirmar serem justamente tais efeitos que permitem identificar, retrospectivamente, os caminhos e elementos envolvidos na metapsicologia desse fenômeno psicanalítico. Espero ter conseguido mostrar, nesse percurso, que tanto o corpo como a repetição são essenciais. No entanto, a despeito de todas as análises empreendidas sobre a dor ao longo deste capítulo, a clínica psicanalítica mostra que ela é uma só, e que, às vezes, distinções entre um “aspecto corporal” e outro “psíquico” de suas manifestações são bem menos relevantes diante do sofrimento do sujeito. Pois, como lembra Pontalis, com a dor, o corpo se transforma em alma e a alma em corpo. De acordo com o psicanalista francês, a dor indiferencia os limites; é próprio dela tornar pouco nítidas as fronteiras.⁴⁵

Desta forma, à guisa de conclusão, retomarei a seguir um exemplo clínico que expressa o caráter singular da dor, e que, concomitantemente, deixa transparecer o quanto noções como repetição, corpo, excesso pulsional, trauma, entre muitas outras que considere ao longo desta pesquisa, estão intimamente relacionadas.

⁴⁴ Cf. VOLICH. “De uma dor que não pode ser duas”, p. 48. Grifos meus.

⁴⁵ PONTALIS. *Entre o sonho e a dor*, p. 272.